

CADERNOS DE VEDANTA Nº 8

A EXISTÊNCIA DO MAL

Excertos da filosofia de Samkara

(Extraído de ‘*The Spiritual Heritage of India*’, Swami Prabhavananda, Vedanta Press, Hollywood, CAL.)

Todas as religiões ou sistemas filosóficos se veem às voltas com o problema sobre a existência do mal e, infelizmente, este é um assunto que é mais empurrado com a barriga do que explicado. Por que – pergunta-se -, Deus permite o mal, quando Ele próprio é todo bondade?

Sob o ponto de vista religioso ocidental, uma ou duas respostas são comumente dadas a essa pergunta. Algumas vezes nos dizem que o mal tem efeito educacional e punitivo. Deus nos pune pelos nossos pecados sob a forma de guerra, fome, terremotos, desastres e doenças. Ele utiliza a tentação (seja diretamente, ou por meio do demônio) para testar e fortalecer a virtude dos bons. Esta é a resposta *démodé* do Velho Testamento, contestada atualmente, embora, conforme a Vedanta, e como veremos a seguir, ela contém certa parcela de verdade.

A outra resposta – hoje geralmente mais aceita -, é que o mal, absolutamente, não existe. Se olharmos a vida *sub specie aeternitatis*, veremos que o mal não tem qualquer realidade; não passa de uma leitura incorreta do bem.

A filosofia Vedanta discorda de ambas as respostas acima; com a segunda, até mesmo mais radicalmente do que com a primeira. Como, questiona-se, pode o mal ser transformado em bem, simplesmente olhando-o de uma maneira especial? Aflições e infortúnios, embora com duração limitada, poderão ser suportados mais facilmente do que seria possível se tivermos nossas mentes fixas em Deus, mas nem por isso deixam de ser experiências muito reais. A Vedanta concorda que o mal, no sentido absoluto, é irreal, mas nos lembra que, nesse sentido, o bem é igualmente irreal. A Realidade absoluta transcende o bem e o mal, o prazer e o sofrimento, o sucesso e o fracasso. Ambos, bem e mal, são aspectos de *maya*. Enquanto existir *maya* eles existirão. No âmbito de *maya* eles são bem reais.

A pergunta – Por que Deus permite o mal? -, na verdade, é muito falaciosa. É tão absurda quanto se alguém perguntasse: Por que Deus permite o bem? Ninguém perguntará por que a chuva ‘permite’ uma inundação catastrófica; ninguém culpará ou elogiará o fogo porque ele queima a casa de uma pessoa e permite cozinhar o jantar de uma outra. Tampouco será adequado dizer que *Brahman* é bom em qualquer sentido pessoal da palavra. *Brahman* não é bom no sentido em que Cristo era bom, porque a bondade de Cristo estava contida em *maya*. A Realidade em si está além de todos os fenômenos, mesmo dos mais nobres. Transcende a pureza, a beleza, a felicidade, a glória ou o sucesso. Só pode ser descrita como boa se quisermos dizer com isso que consciência absoluta é absoluto conhecimento, e que absoluto conhecimento é absoluta alegria.

Mas, possivelmente, a pergunta não se refira de forma alguma a *Brahman*. Talvez, neste enfoque, ‘Deus’ signifique *Ishvara* (Deus Pessoal), o Governante de *maya*. Se assim for, a filosofia Vedanta pode concordar com o Velho Testamento. Não seria Deus um criador de leis, um pai inflexível e, de certa forma, imprevisível, cujos costumes não são os nossos, cujas punições e recompensas frequentemente parecem imerecidas, que nos permitem cair em tentações? A resposta é: sim e não.

A doutrina vedântica de *karma* é de justiça, absoluta e automática. As circunstâncias de nossa vida atual - nossas dores e prazeres - são o resultado de nossas ações passadas, em incontáveis existências prévias, desde tempos imemoriais. Vista sob um ponto de vista relativo, *maya* é muito impiedosa, desumana. Colhemos aquilo que semeamos, nem mais, nem menos. Se protestamos contra alguma ‘aparente’ injustiça é apenas porque aquilo que a trouxe a nós está profundamente enterrado no passado, fora do alcance de nossa memória. Ter nascido como mendigo, rei, atleta, ou um pobre aleijado, é simplesmente consequência de atos cometidos em nossas outras vidas. Não temos a quem agradecer ou culpar, senão a nós mesmos. De nada adianta tentar barganhar com *Ishvara*, agradá-Lo ou responsabilizá-Lo por nossos problemas. Muito menos inventar um demônio como desculpa às nossas fraquezas. *Maya* é aquilo que dela fizemos, e *Ishvara* simplesmente retrata aquele fato solene e inflexível. (NT) ‘A semeadura é opcional; a colheita é obrigatória. ’ Sob o ponto de vista relativo, este mundo de aparências é um lugar sombrio e, como tal, leva-nos frequentemente ao desespero.

Os profetas, com seu vasto conhecimento, falam-nos diferentemente. Uma vez que nos tornemos conscientes, mesmo vagamente, do *Atman*, a Realidade que existe dentro de nós, o mundo se nos aparecerá de uma forma bem diferente. Já não será mais um tribunal de justiça, mas um tipo de academia de ginástica. O bem e o mal, o prazer e a dor, ainda existirão, porém se assemelharão mais a halteres, esteiras e bicicletas que podem ser usados para tornar fortes nossos corpos. *Maya* já não será mais uma roda de dor e prazer a girar interminavelmente, senão que uma escada a nos levar à consciência da Realidade. Deste ponto de vista, sorte e azar são, ambos, misericórdias – o que vale dizer, oportunidades. Cada experiência nos oferecerá a chance de lhe fazer uma reação construtiva – uma reação que nos ajudará a quebrar algum grilhão de nossa servidão à *maya* e nos levará mais próximos à liberdade espiritual.

Samkara, por isso, diferencia dois tipos de *maya* – *avidya* (o mal ou ignorância) e *vidya* (o bem ou o conhecimento), num sentido relativo. *Avidya* é aquilo que causa nosso afastamento do Ser e obscurece nosso conhecimento da Verdade. *Vidya* nos permite aproximarmo-nos do Ser ao remover o véu da ignorância. Ambos, *vidya* e *avidya*, são transcendidos quando ultrapassamos *maya* e atingimos a consciência da absoluta realidade.

Já dissemos que *maya* é a sobreposição da ideia de ego sobre o *Atman*, o verdadeiro Ser. O conceito de ego representa uma falsa noção de individualidade, como se fossemos diferentes ou separados de nossos vizinhos. Segue-se, pois, que qualquer ato que contradiga essa ideia nos levará um passo de volta ao nosso conhecimento correto, à consciência de nossa realidade interior. Se reconhecermos nossa fraternidade com o próximo, se tentarmos lidar com os semelhantes honesta, veraz e altruisticamente, se batalharmos por direitos iguais e por justiça, política e economicamente, e pela abolição das barreiras de raça e classe, então estaremos de fato desmentindo a noção de ego e movendo-nos em direção à percepção da Existência universal, não- individual. Todas essas ações são conhecidas como bondade ética, da mesma forma que todas as ações egoístas pertencem à ética do mal. Em certo sentido, e nele apenas, pode-se dizer que a bondade é mais ‘real’, ou mais válida, do que o mal, visto que as ações e pensamentos maus envolvem-nos mais profundamente em *maya*, enquanto que pensamentos e ações boas, elevam-nos acima de *maya*, à consciência transcendental.

As palavras pecado e virtude são de certa forma estranhas ao espírito da filosofia Vedanta porque criam necessariamente um sentido de posse embutido no pensamento e na ação. Se dizemos ‘Eu sou bom’ ou ‘Eu sou mau’, estamos falando a linguagem de *maya*. ‘Eu sou *Brahman*’ é a única afirmação real sobre nós mesmos que se pode fazer. São Francisco de Sales escreveu que ‘mesmo nosso arrependimento deve ser tranquilo’, querendo dizer com isso que, remorso exagerado, da mesma forma que excessiva autocongratulação, simplesmente nos atam mais firmemente à ideia do ego, à ilusão de *maya*. Não devemos nos esquecer que a conduta ética é um meio, e não um fim em si mesmo. O conhecimento da realidade impessoal é o único conhecimento válido. À parte isso, nossa mais profunda sabedoria é sombria ignorância e nossa mais estrita moralidade é toda vã.

Glossário

Atma ou Atman ([sânscrito](https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A2nscrito): आत्म ): Termo filosófico do hinduísmo, especificamente da [Vedanta](https://pt.wikipedia.org/wiki/Vedanta), usado para identificar a alma individual, ou "verdadeiro eu", traduzido como "Eu" (Self), em maiúsculo, para dar um caráter divino à alma individual pois, segundo a [Advaita](https://pt.wikipedia.org/wiki/Advaita) Vedanta, o Atman é idêntico ao Absoluto, ou [Brahman](https://pt.wikipedia.org/wiki/Brahman), sem diferença qualitativa, e está além da identificação com a realidade fenomênica da existência mundana.

Brahman: De acordo com a linha filosófica [Advaita](https://pt.wikipedia.org/wiki/Advaita) [Vedanta](https://pt.wikipedia.org/wiki/Vedanta), conforme estabelecida por [Shankara](https://pt.wikipedia.org/wiki/Shankara) e fundamentada em preceitos ancestrais segundo a tradição védica, Brahman é tudo o que existe e nada pode existir além d’Ele. Portanto, Ele é a Verdade Absoluta, ou a Realidade Suprema, que envolve, absorve e harmoniza todos os conceitos duais. A Vedanta caracteriza Brahman como realidade (Sat), consciência (Cit) e beatitude (Ananda). Brahman é também a essência de cada indivíduo, o Eu mais interno ou [Atman](https://pt.wikipedia.org/wiki/Atman). Vários Upanishads e outros textos indianos indicam que Brahman não pode ser atingido pelo pensamento, embora possa ser captado através de uma vivência direta, por uma pessoa em estado de [samadhi](https://pt.wikipedia.org/wiki/Samadhi).

Ishvara: Saguna Brahman ou Deus Pessoal, Criador, Preservador e Destruidor do Universo.

Karma: Em geral significando ação; dever, obrigação; o fruto de nossos atos, palavras e pensamentos, bons ou maus; adoração ritualística.

Maya: Ignorância que obscurece a visão de Deus; a ilusão cósmica pela qual o Uno nos aparece como Múltiplo, o Absoluto como o Relativo; o mundo aparente, irreal tal como se nos aparece; também é usada para significar desapego.

Sankaracharya: Um dos maiores filósofos da Índia, expoente da Advaita Vedanta (788-820 DC). ("Brahman é tudo o que existe e não há nada além de Brahman.")

Self: O Eu superior.

Vidya: Conhecimento que leva à liberação, isto é, à Realidade Última. Seu oposto, Avidya, Ignorância, é tudo o que nos afasta da liberação.